

A SOLIDÃO E O ISOLAMENTO DE PRUFROCK E LUCY BARTON

Carlos Henrique Lima de Souza (UVA)
carlinhossouzalima@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo demonstrar que o artista necessita estar sozinho, praticamente isolado do contato com outras pessoas. Para tal, utilizaremos o poema *A canção de amor de J. Alfred Prufrock*, de T. S. Elliot [Thomas Stearns Elliot] escrito em forma de monólogo interior e o romance *Meu nome é Lucy Barton* (2016), de Elizabeth Strout, onde Lucy Barton, uma escritora, narra sua estadia em um hospital por conta de complicações em uma cirurgia de apendicite e, inesperadamente recebe a visita de sua mãe que não via há muitos anos. Em ambas as obras, os personagens principais são solitários, assim como seus respectivos autores.

Palavras-chave: Artista. Solidão. Isolamento.

1. Introdução

A solidão é normalmente associada a tristeza e ao vazio e por isso causa medo. No *Dicionário Houaiss* (2001), a definição de solidão é:

1 estado de quem se acha ou se sente desacompanhado ou só; isolamento Ex.: *vive na mais negra s.* **2** caráter dos locais ermos, solitários Ex.: *em meio à s. do deserto* **3** local despovoado e solitário; retiro **4** vasto espaço ermo, sem população humana Ex.: *s. do mar, da taiga, da floresta etc.* **5** sensação ou situação de quem vive afastado do mundo ou isolado em meio a um grupo social Ex.: *quanto mais gente, maior a sua s.*

Por essa definição, percebemos que a solidão está ligada ao isolamento, o mesmo dicionário define isolamento como:

1 separação de uma substância, um elemento, uma coisa de um determinado meio ou de seu contexto **2** estado da pessoa que vive isolada, que se pôs ou foi posta à parte **3** Derivação: por extensão de sentido. ato de aplicar um isolante a um corpo **4** Rubrica: psicanálise. interrupção das conexões de um pensamento ou comportamento com o resto da existência do indivíduo (p.ex., rituais, fórmulas e tudo que permite estabelecer uma quebra na sucessão temporal dos pensamentos ou atos); mecanismo de defesa típico da neurose obsessiva **5** Rubrica: medicina. pavilhão ou parte reservada, num hospital ou numa clínica, aos doentes portadores de moléstias infectocontagiosas ou que aí são postos para observação por serem suspeitos de portar doenças desse tipo

Por isso acredita-se que ter amigos é fundamental para uma vida feliz. Porém, a solidão representa, para o filósofo Francesc Torralba,

a oportunidade de revisar nosso gerenciamento, de projetar o futuro e avaliar a qualidade dos vínculos que construímos. É um espaço para executar uma auditoria existencial e perguntar o que é essencial para nós, além das exigências do ambiente social”⁸⁹,

ainda segundo o filósofo, “A solidão nos dá medo porque com ela caem todas as máscaras. Vivemos sempre mantendo as aparências, em busca de reconhecimento, mas raramente tiramos tempo para olhar para dentro”.

De acordo com Ilka Franco Ferrari (2008), é razoável considerar que a solidão é um estado de humor, um *feeling* ou, mais propriamente, um afeto, quase sempre vinculado à angústia. Essa afirmação decorre de evidências na clínica com crianças, quando ele observou que a primeira experiência de solidão é também a primeira de angústia frente à constatação da falta do Outro.

Contra o sofrimento que pode advir dos relacionamentos humanos, a defesa mais imediata é o isolamento voluntário, o manter-se à distância das outras pessoas. A felicidade passível de ser conseguida através desse método é, como vemos, a felicidade da quietude. Contra o temível mundo externo, só podemos defender-nos por algum tipo de afastamento dele, se pretendermos solucionar a tarefa por nós mesmos. (FREUD, 1996, p. 85)

Apesar desse horror que a solidão tende a suscitar nos seres humanos para os artistas parece ser essencial “Darwin fazia longas caminhadas pelo bosque e recusava enfaticamente convites para festas. Steve Wozniak inventou o primeiro computador Apple sentado sozinho em um cubículo na Hewlett Packard, onde então trabalhava”⁹⁰. Frank Kermode (2004) comenta que o artista paga um preço alto para alcançar a “epifania”, deve viver isolado, não ter nenhum amigo.

Ser separado de vida e de ação, de uma forma ou de outra, é necessário, como uma preparação para a “visão”. Alguma diferença no artista dá-lhe acesso a essa separação – um enorme privilégio, envolvendo alegria (que adquire um sentido quase técnico como um concomitante necessário do exercício pleno da mente no ato de imaginação). Mas o poder de alegria sendo possível apenas a uma profunda ‘sensibilidade orgânica’, um homem que experimenta que também irá sofrer excepcionalmente. Ele deve ser solitário, assombrado, vitimado, dedicado ao sofrimento em vez de ação – ou, para expressar isso de uma forma mais aceitável para o século XX, ele está isento da orientação humana normal para a ação e assim permite intuir essas imagens que são verda-

⁸⁹ Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/01/29/ciencia/1422546931_773159.html>. Acesso em: 19-09-2016.

⁹⁰ *Idem, Ibidem.*

de, desafiando as triunfantes reivindicações de disciplinas meramente intelectuais. (KERMODE, 2004, p. 09, tradução nossa)

No livro *Ecce Homo* (2011), uma espécie de autobiografia, Nietzsche, comenta a respeito de autores de grandes obras:

Paga-se muito caro ser imortal: morre-se por isso várias vezes em vida. – Há algo a que eu dou o nome de rancor da grandeza: tudo o que é grande, obra ou ação, vira-se, uma vez levado a cabo, sem demora *contra* quem a fez. [...] Outra coisa é o silêncio horripilante, que à volta de si se ouve. A solidão tem sete peles: nada mais por ela passa. Aproximamo-nos dos homens, saudamos os amigos: novo deserto, nenhum olhar nos saúda mais. (NIETZSCHE, 2011, p. 86, grifos do autor)

Escolhemos os personagens Prufrock e Lucy Barton pois são personagens que, de certa forma, são espelhos de seus autores e que demonstram uma tremenda solidão e isolamento.

2. *Elliot e Prufrock*

Thomas Stearns Eliot é um dos mais importantes poetas do modernismo, ele detém posição estimada na história da literatura inglesa. Ele era profundamente influenciado pelos conceitos de classicismo e tradição, ele enfatiza a necessidade de tradição em suas obras, rejeita a possibilidade de liberdade na arte, e nega o valor do autoexpressão como marcas de realizações artísticas.

Seu primeiro poema, "A Canção de Amor de J. Alfred Prufrock", considerado uma das obras-primas do modernismo, aparece no livro de poemas *Prufrock e Outras Observações*. O poema é escrito na forma de um monólogo interior que, de acordo com Beth Brait (2006, p. 62), “é o recurso de caracterização de personagem que vai mais longe na tentativa de expressão da interioridade da personagem. O leitor se instala, por assim dizer, no fluir dos ‘pensamentos’ do ser fictício, no fluir de sua ‘consciência’”. Langdon Hammer (2007, tradução nossa) comenta que Eliot cria, em Prufrock não um personagem e, sim, algo mais parecido com uma consciência. Ele cria uma consciência fragmentária⁹¹ que sobe e desce, toma forma e se dispersa diante de nós.

Ouvir "Prufrock" é muito menos como ouvir alguém falar na rua ou no palco do que é como fechar os olhos e lembrar, ou inventar vozes em sua

⁹¹ Essa fragmentação também é demonstrada pela forma como Prufrock vê as mulheres. Ele nunca as vê por completo e sim por partes, primeiro os olhos depois os braços.

mente. Eliot está criando uma espécie de discurso interior ouvido. Ele está nos deixando ouvir em uma mente que não vemos toda, nós não sentimos toda. Temos apenas partes dela. (HAMMER, 2007, tradução nossa)

Há teorias que sustentam que Prufrock é de fato um personagem pelo qual Elliot retrata sua própria mente. De acordo com Langdon Hammer (2007, tradução nossa) "Prufrock é uma espécie de pré-texto ou um dispositivo através do qual Thomas Stearns Eliot pode falar de si mesmo" Prufrock "torna-se uma forma de escrever sobre si quando para Thomas Stearns Eliot já não parece plausível escrever como ele mesmo." Devido as perguntas retóricas de Prufrock, "Ousarei perturbar o universo? Como então me arriscar? Como me atreveria? Como começaria?" são as perguntas que um poeta ambicioso se faz e, se lembrarmos que é o primeiro poema de Elliot, podemos imaginá-lo se fazendo tais perguntas.⁹² O próprio Elliot em *Tradition and Individual Talent* comenta que a ordem é completa antes que o novo trabalho apareça e, para que a ordem persista, após que o trabalho no chegue, a ordem precisa ser alterada, ainda que levemente.

Prufrock é sobrecarregado com a questão de como começar. Na verdade, ele começa exatamente adiando início; ao não chegar ao ponto; retardando; atrasando porque por implicação, iniciar é realmente algo ameaçador, algo que deve ser ousado. Mas isso só faz sentido se Prufrock realmente não quer perturbar o universo, ou pelo menos o sistema da cultura como ele encontrou. Ela só faz sentido se começar realmente exige coisas perturbadoras. A implicação é que o universo já está completa sem Prufrock, sem T. S. Eliot e qualquer coisa que ele poderia fazer ou dizer. (HAMMER, 2007, tradução nossa)

No seu âmago, o poema, de acordo com Russel Kirk (2008, p. 184), "é o inferno do solipsista, incapaz de confiar na realidade das pessoas que surgem ao seu redor: um distinto solipsista incapaz de, mesmo quando vislumbra a essência das coisas, dizer a verdade aos próximos". O poema inicia com uma alusão a uma passagem do livro *Inferno* de Dante.

Esta epígrafe fornece uma comparação entre Conde Guido e Prufrock. Como Conde Guido não quer divulgar a história verdadeira para todo o mundo Eliot também indica sua visão irônica da canção de amor de Prufrock. Como o Conde Guido, o Prufrock também é um homem que usa hipérboles para evitar uma situação. Eliot através desta epígrafe tenta mostrar o comportamento e estado psíquico de Prufrock. (MANDAL & MONDAK, 2013, p. 2,3, tradução nossa)

⁹² De acordo com Langdon Hammer (2007, tradução nossa) "Você pode pensar 'Prufrock' como uma espécie de máscara atrás da qual você ouvir um jovem poeta fazer perguntas sobre si mesmo e sua arte".

Na primeira estrofe do poema, percebemos que há dois pronomes, tu e eu, caminhando por ruas solitárias, porém, não há duas pessoas, pois como Prufrock é um poema fragmentado, os pronomes sugerem uma conversa entre dois fragmentos, dois “eus”, da mente de Prufrock. Também temos a imagem de um paciente anestesiado sob uma mesa. Ameshha Mandal e Arindam Mondak (2013, tradução nossa) comentam que a imagem de um paciente anestesiado se opõe a imagem da atividade a que se destina a ser realizado por Prufrock na primeira linha do poema. Assim, ocorre uma transição repentina no estrato mental de Prufrock que é claramente evidente a partir das imagens mencionadas por T. S. Eliot [Thomas Stearns Eliot].

Na terceira estrofe do poema, Elliot usa uma metáfora, a neblina age como um gato⁹³ que, por natureza, não são tão sociáveis quanto os cães conhecidos como o melhor amigo do homem. Elliot compara a Prufrock com o gato que vagueia pela cidade pela noite e no fim não agiu de forma alguma simplesmente adormece.

Prufrock demonstra uma enorme preocupação com sua aparência, ele é calvo e tem os braços e as pernas finas. O par de versos “na saleta, as moças em deambulo falam de Michelangelo”, ao mencionar Michelangelo era pintor, escultor, poeta e arquiteto, a escultura *David* (1504)⁹⁴, considerada sua obra-prima, mostra um homem nu, que seria mais atraente às mulheres que Prufrock. O verso onde Prufrock diz que “haverá tempo para descer os degraus” pode ser interpretada de várias maneiras:

A imagem da escada é ambígua, pois há várias possibilidades de interpretação. Pode haver uma possibilidade de comunicação, pois a escada é a distância entre o protagonista e a mulher aguardada. Pode também implicar o esforço necessário para atingir um ideal. Finalmente, Prufrock desce as escadas como ele não tem a coragem para enfrentar a mulher. (MANDAL & MONDAK, 2013, p. 5, tradução nossa)

Não há no poema a indicação da idade de Prufrock, contudo, tais perguntas demonstram que ele está se questionando sobre começar alguma coisa. Ao imaginar sua velhice, ele diz que as sereias não cantariam para ele, ele está sozinho em um mar silencioso. De acordo com Oppen (citado por MAYS, 2005, p. 111, tradução nossa), Elliot reescreveu as palavras finais do poema, pois inicialmente era “até que outras vozes nos

⁹³ Com isso concordam Kristina Krupilnitskaya (2015) e Ameshha Mandal e Arindam Mondak (2013)

⁹⁴ Disponível em: <<http://www.portaldarte.com.br/23-escultura/00-04-David-Michelangelo-2.htm>>

acordam acordarem / ou nos afogamos". As mudanças redirecionam a atenção para um mundo exterior, ao solitário, naufragado eu lírico solipsista, um mundo do qual resgate pode ter vindo, mas que não estava disponível para Prufrock ou ao seu criador.

É difícil de interpretar o final deste poema com precisão. Penso que Prufrock não está realmente esclarecido, nenhum desejo especificado, exceto, talvez, o de ouvir as sereias. "Eu não acho que eles vão cantar para mim": "Eu quero que elas cantem", ele parece estar dizendo. Em certo sentido, você poderia dizer que ele quer uma canção romântica. Ele quer ouvi-la. Talvez ele quer ser capaz de juntar-se, que é um desejo para a inspiração lírica. Ele não quer fazer amor com essas sereias. Ele quer ouvi-las. Ele quer ficar com elas, para ter acesso ao seu elemento, e, nessa medida, estar entre elas e até mesmo gostar delas. É um desejo de se libertar, especificamente, de se libertar das vozes humanas, que eu considero ser intermináveis, vozes interiores, do discurso repetitivo do qual a sua consciência consiste. (HAMMER, 2007, tradução nossa)

Prufrock se compara a muitos personagens e entre eles a Hamlet. O próprio Eliot escreveu um ensaio intitulado *Hamlet e Seus Problemas*⁹⁵, onde comenta sobre a hesitação de Hamlet para agir. Quando Prufrock diz que não é o príncipe Hamlet, enfatiza que, diferente do príncipe, sua hesitação terminará sem ação e ele irá se afogar assim como Ofélia que e nunca age na peça: sua morte é um afogamento acidental.

3. *Strout e Lucy Barton*

O quinto romance de Elizabeth Strout, *Meu Nome é Lucy Barton* (2016), tem um enredo simples: Lucy Barton está internada em um hospital para tratar de complicações devido a uma cirurgia de apêndice e recebe a visita, inesperada, de sua mãe, que não via desde que entrou na universidade. O tema que permeia todo o romance é a solidão da personagem principal, seja na infância, já adulta e até mesmo no hospital.

No primeiro quarto em que me colocaram havia uma senhora morrendo ao meu lado; ela não parava de gritar por ajuda [...] Meu marido não suportava isso – não suportava me visitar ali, quero dizer – e fez com que me transferissem para um quarto individual. [...] Eu estava grata por não precisar ouvir aquela pobre mulher gritando, mas se alguém soubesse o tamanho da minha solidão eu teria ficado constrangida. Sempre que uma enfermeira ia medir minha temperatura, eu tentava segurá-la por alguns minutos, mas as enfermeiras

⁹⁵ O ensaio pode ser encontrado em: William Shakespeare, *A tragédia de Hamlet. O príncipe da Dinamarca*; tradução, introdução e notas de Lawrence Flores Pereira; ensaio de T.S. Eliot. 1.ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015.

eram ocupadas, não podiam simplesmente ficar ali conversando. (STROUT, 2016, p. 9)

Mãe e filha têm uma enorme dificuldade de conversar e só conseguem fazê-lo através de lembranças da infância de Lucy. Numa dessas lembranças, Lucy descreve onde passou a infância.

Vivíamos na região de Sauk Valley, onde é possível percorrer um bom trecho vendo apenas uma ou duas casas cercadas de campos, e, como eu disse, não havia casas por perto. Morávamos com milharais e plantações de soja se estendendo até o horizonte; e para além desse horizonte ficava a fazenda de porcos dos Pederson. No meio dos milharais havia uma árvore, e sua presença era marcante. Durante muitos anos pensei nessa árvore como minha amiga; ela era minha amiga. Nossa casa ficava numa estrada de terra muito comprida, não muito longe do rio Rock, próximo de algumas árvores que serviam de quebra-vento para os milharais. Então, de fato, não tínhamos nenhum vizinho perto de nós. E também não tínhamos televisão nem jornais, revistas ou livros em casa. (STROUT, 2016, p. 14)

A família era muito pobre e discriminada pela sociedade. A casa em que Lucy morou até os onze era apenas a garagem da casa do tio-avô. Quando ele morreu, eles se mudaram para a casa. Porém tanto a garagem quanto a casa eram muito frias no inverno, o que fez com que Lucy ficasse na escola até depois do horário, pois a escola era “quentinha”. Ela ficava lendo e fazendo os deveres de casa, o que a levou a tirar notas perfeitas e a se decidir por sua profissão.

Minha professora viu que eu adorava ler e me deu livros, inclusive livros para adultos, e eu lia todos. Depois, no ensino médio, continuei lendo quando terminava a lição de casa na escola quentinha. Mas os livros me traziam coisas. Essa é a minha questão. Eles faziam eu me sentir menos sozinha. Essa é a minha questão. E eu pensava: vou escrever livros e as pessoas não vão se sentir tão sozinhas! (Mas era o meu segredo. Mesmo quando conheci meu marido, não contei ligo pra ele. Eu não conseguia me levar a sério. Só que eu me levava – lá no fundo, em segredo – muito a sério! Eu sabia que ia ser uma escritora. Não sabia o quanto ia ser difícil. Mas ninguém sabe; e isso não tem importância). (STROUT, 2016, p. 23)

O romance se passa nos Estados Unidos na década de 1980 quando a AIDS chegou ao país. Talvez o trecho do livro que ilustra de forma mais clara a solidão de Lucy é quando ela, já casada e com duas filhas, está sentada nas escadas com seu amigo Jeremy e vê dois aidéticos passando.

Um dia, sentada na escada da frente com Jeremy, eu disse uma coisa que me surpreendeu. Falei, depois que dois desses homens tinham acabado de passar lentamente: "Sei que é horrível dizer isto, mas quase sinto inveja deles. Porque eles têm um ao outro, estão ligados numa verdadeira comunidade". Então ele olhou para mim com uma autêntica bondade no rosto, e vejo agora

que ele descobriu uma coisa que eu não tinha percebido: que apesar da minha plenitude, eu me sentia solitária. A solidão era o primeiro gosto que eu tinha sentido na vida, e ela estava sempre ali, escondida nas fendas da minha boca, me fazendo lembrar. E foi bondoso. "Sim", foi tudo o que disse. Ele poderia facilmente ter dito: "Você está maluca, eles estão morrendo!". Mas não disse, pois entendeu a solidão que me cercava. (STROUT, 2016, p. 36)

Virgínia Woolf na crônica *Sobre Estar Doente* (2014) comenta que a doença provoca uma alteração espiritual e os desertos da alma são postos às claras, Lucy que desde foi para a faculdade havia falado poucas vezes com a mãe, mas sentia que ter sua mãe com ela no hospital era tudo o que precisava. Ela quer de qualquer forma escapar da solidão e segura as mãos das enfermeiras para que elas fiquem alguns minutos com ela, diz que amou o médico por ele fechar as cortinas e fazer das visitas algo “só deles”.

Ainda que em entrevista ao jornal *O Globo*⁹⁶, Elizabeth Strout tenha dito que não escreve livros autobiográficos, porém em todo livro que escreve tem pouco dela, é quase impossível não vê-la em Lucy. Esse foi um medo que a autora teve e por isso no princípio hesitou em fazer da personagem uma escritora. Em entrevista ao *Washington Post*, ela comentou sobre sua infância:

Não havia televisão em nossa casa e nenhum jornal. Havia revistas científicas do meu pai e também o *New Yorker*. [...] Meu irmão e eu crescemos com um grau de isolamento que manteve o mundo a distância, como se pretendia. Até o momento em que eu fui para a faculdade, eu só tinha visto dois filmes: "Os 101 Dálmatas" e "O milagre de Anne Sullivan". Meu irmão e eu não íamos a festas, não namorávamos, não saíamos, nem falávamos muito ao telefone como outros adolescentes fazem.⁹⁷

Assim como ela, Lucy teve uma infância isolada conheceu a cultura *pop* quando foi para a faculdade, o que, no caso de Lucy, foi decisivo para que se tornasse escritora.

4. Considerações finais

Prufrock, na sua canção de amor, não menciona a palavra amor ou declara seus sentimentos, vive em sua total solidão, já Lucy Barton, de-

⁹⁶ Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/livros/america-profunda-de-elizabeth-strout-emerge-em-meu-nome-lucy-barton-19910679>>. Acesso em: 22-10-2016.

⁹⁷ Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2009/07/02/AR2009070202180_2.html>. Acesso em: 22-10-2016.

clara inúmeras vezes seu amor, seja pelo médico, por seu amigo Jeremy, e pela mãe, que é incapaz de dizer que ama a filha.

Recorremos à poesia e ao romance para demonstrar que a solidão do artista ou do personagem, destacada por Frank Kermode (2004) encontra-se presente como estado necessário para a preparação da “visão” ou “epifania” nos casos de Prufrock e Lucy Barton.

Ao utilizarmos os personagens Prufrock e Lucy Barton, não temos a intenção de afirmar que eles são espelhos de seus criadores, T. S. Eliot e Elizabeth Strout respectivamente, apenas os utilizamos devido a solidão e o isolamento que esses personagens apresentam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAIT, Beth. *A personagem*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

FERRARI, Ilka Franco. *A realidade social e os sujeitos solitários*. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-1498200800010002#nt04>

FREUD, Sigmund, O mal-estar na civilização. In: ____ *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Trad.: Jayme Salomão et al. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HAMMER, Langdon. *T. S. Eliot*. Disponível em:

<<http://oyc.yale.edu/english/engl-310/lecture-10>>. Acesso em: 19-09-2016

KERMODE, Frank. *Romantic Image*. London: Routledge Classics, 2004.

KIRK, Russel. *A era de T. S. Eliot: a imaginação moral do século XX*. Trad.: Márcia Xavier de Brito. São Paulo: É Realizações, 2011

KRUPILNITSKAYA, Kristina. *T. S. Eliot: A never-ending exploration*. 2015. Disponível em: <

<http://digitalcommons.lmu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1003&context=honors-thesis>>. Acesso em: 25-09-2016.

MANDAL, Amesh; MODAK, Arindam. *The Love Song of J. Alfred Prufrock: A Postmodern Poem with a Postmodern Hero*. 2013. Disponí-

vel em: <<http://www.the-criterion.com/V4/n1/Annesha.pdf>>. Acesso em: 24-09-2016.

MAYS, J. C. C. Early poems: from "Prufrock" to "Gerontion". In: MOODY, Anthony David. (Org.). *The Cambridge Companion to T. S. Eliot*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo: como se vem a ser o que se é*. Trad.: Artur Morão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SHAKESPEARE, William. *A tragédia de Hamlet: o príncipe da Dinamarca*. Tradução, introdução e notas de Lawrence Flores Pereira; ensaio de T. S. Eliot. 1. ed. São Paulo: Penguin Classics/Cia. das Letras, 2015.

STROUT, Elizabeth. *Meu nome é Lucy Barton*. Trad.: Sara Grünhagen. 1. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2016.